

COMO O MOVIMENTO EMPRESA JÚNIOR PODE CONTRIBUIR PARA A QUALIDADE DO SOLO?

JOSIÉLE BOTELHO RODRIGUES¹; TAINARA VAZ DE MELO²; JAMES BUNDE
ROSCHILDT³; PABLO MIGUEL⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – josiele.botelho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tainaravaz@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jamesroschiltd96@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – pablo.ufsm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Movimento Empresa Júnior (MEJ) surge no ano de 1967 na França por alunos inconformados com o atual sistema de ensino, onde não vislumbravam a sua atuação prática fora do ambiente acadêmico. Foi assim que o movimento empresa júnior deu início a sua disseminação pelo mundo, até que chegou no Brasil no ano de 1988 com a primeira empresa júnior da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, incentivados pelo mesmo propósito de obter experiência para o mercado de trabalho. De acordo com Oliveira et al. (2013) a Empresa Júnior pode ser considerada um importante momento, onde os universitários podem realizar experiências que permitam o desenvolvimento do aprendizado e do intercâmbio entre a Universidade e a sociedade.

Mediante a este cenário, surge em 2014 a Empresa Júnior do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Pelotas, cujo o nome tem por Empresa Júnior de Consultoria Agrônômica e Planejamento Estratégico - ECAPE. Em busca de uma melhor qualificação, alunos criaram a empresa para melhor se relacionar com seus clientes, neste caso, o produtor rural. O primeiro projeto desenvolvido pela empresa foi baseado na busca de alternativas que pudessem auxiliar a qualidade dos solos e, desde então, ainda são desenvolvidos projetos desse âmbito juntamente com o produtor.

A qualidade do solo é algo difícil de mensurar, no entanto, é fundamental ter um manejo adequado para que se mantenha a mesma, pois as camadas de solo levam milhares de anos para serem formadas, e apenas frações de segundo para serem perdidas. Segundo COELHO et al. (2013) o uso dos solos de maneira inadequada pode causar danos ao meio ambiente e à vida na terra. Se mal utilizados, perdem progressivamente sua capacidade de produzir alimentos.

O solo é um importante recurso natural que suporta a flora, fauna, atividades agropastoris, o armazenamento da água e as edificações do homem. O solo é considerado um componente vital para os agroecossistemas, no qual ocorrem os processos e ciclos de transformações físicas, biológicas e químicas. A degradação do solo pelo manejo inadequado, implica em riscos ambientais com impacto negativo para as comunidades rurais e repercussão no meio urbano (STRECK et al., 2018; REICHERT et al., 2003).

As atividades agropecuárias estão entre as que mais perturbam o meio ambiente, pois expõem o solo à ação dos processos erosivos, acelerando a transferência de sedimentos aos corpos de água, juntamente com moléculas de agrotóxicos e fertilizantes, resultando na degradação do solo e da água (GONÇALVES et al., 2005). O uso do solo fora da sua aptidão agrícola potencializa essas perturbações, tornando esses sistemas de produção frágeis e insustentáveis (MIGUEL et al., 2011).

O objetivo deste trabalho é demonstrar a relevância das atividades desempenhadas pela empresa júnior e qual impacto poderá trazer para o produtor

rural e a unidade produtiva, principalmente quando abordamos sobre qual é a forma adequada de manejo de solos.

2. METODOLOGIA

A vivência empresarial é algo a ser construído ao longo do tempo, entretanto, somente gerará valor se houver transformação da nossa região. Conforme OLIVEIRA et al. (2014) mais do que um laboratório de práticas, a Empresa Júnior deve ser um espaço de transformação destes estudantes, onde devem exercitar suas capacidades pessoais para, através do empreendedorismo, transformar o Brasil em um país melhor.

A partir disso, foram realizados dos membros inseridos na empresa júnior para capacitá-los na prestação de serviços, dentre os treinamentos estão: como realizar a adequada coleta de solos, tipos de ferramentas, interpretação e recomendação de adubação e calagem.

Ainda, foram realizados eventos tanto para os alunos de graduação e pós-graduação como para produtores, como ciclo de palestras, atualização do Manual de Adubação e Calagem para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, visita ao laboratório de análises de solos e dias de campo. Estes espaços tiveram o intuito de melhor nos preparar para a realidade profissional.

Como aborda LIMA et al. (2015) a relação do profissional com o agricultor, pode transformar-se num importante instrumento, na medida em que permite o contato direto entre as partes envolvidas e uma melhor compreensão acerca das atividades a serem desenvolvidas nas propriedades agrícolas e no meio rural como um todo. Somente com o produtor e o sistema produtivo conseguimos averiguar a realidade e as dificuldades enfrentadas no ramo agropecuário e, so assim, podemos utilizar o conhecimento adquirido para solucionar problemáticas levantadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades realizadas foram em prol de um maior aprendizado além da sala de aula, proporcionando desenvolvimento pessoal aos membros da empresa júnior e a vivência empresarial por meio de gerenciamento de equipes, plano de ação para realização de projetos, venda e atendimento ao cliente, conhecimento jurídico e contábil. Quanto aos nossos serviços, a empresa se tornou cada vez mais eficiente na realização de novos projetos e na obtenção de novas parcerias com produtores rurais sempre levando a esses produtores a importância da qualidade do solo na cadeia produtiva.

O primeiro evento realizado abordou a atualização do Manual de Adubação e Calagem, o qual teve sua última atualização no ano de 2008, onde foi obtido grande sucesso de público, principalmente de alunos do Curso de Agronomia. Após surgiram os dias de campo proporcionando grande impacto nas regiões onde estes foram desenvolvidos. O primeiro dia de campo foi realizado no Município de Canguçu onde a empresa júnior abordou, juntamente com a Emater/RS, sobre o manejo do solo na integração lavoura e pecuária. Já o segundo dia de campo reuniu toda comunidade acadêmica além de empresas privadas na Estação Experimental da Palma da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel onde foi dada ênfase, principalmente ao manejo de solos de várzea.

Atualmente, a empresa júnior busca interação mais direta com o produtor rural juntamente com Emater/RS e Sindicato dos Trabalhadores Rurais eventos mais focados na capacitação. De acordo com LIMA et al. (2015) a comunicação,

através de suas metodologias de trabalho, influencia diretamente no processo de mobilização social dos atores pertencentes ao meio rural, permitindo ainda, a criação e o fortalecimento de vínculos entre os participantes e os promotores dos projetos de mobilização e de desenvolvimento rural. A partir da experiência com a extensão rural, é fundamental reunir grupos pequenos de produtores e trazê-los para dentro da instituição, com o objetivo de que estes possam conhecer o trabalho que aqui é realizado.

4. CONCLUSÕES

O movimento empresa júnior faz com os alunos de graduação estejam cada vez mais próximos da realidade do campo, possibilitando direcionamento em sua qualificação aos cenários da agricultura contemporânea. A empresa júnior serve como um elo entre a universidade e a sociedade, gerando a oportunidade que todos conhecimentos teóricos sejam colocados em prática.

Na unidade produtiva muitas vezes a prioridade está na cultura a ser implantada. Com isso, o sistema básico de tudo acaba sendo esquecido que neste caso é o solo. O solo está muito além de ser apenas a sustentação da planta, pois a planta é o próprio reflexo do solo em que foi inserida. Para isso, faz-se necessário que as tecnologias desenvolvidas sejam transferidas para o campo, pois só assim conseguimos desenvolvimento rural e qualidade de vida do produtor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, M. R.; FIDALGO, E. C.; SANTOS, H. G.; BREFIN, M. L. M. S; PÉREZ, D. V.. **Solos: Tipos, suas funções no ambiente, como se formam e suas relações com o crescimento das plantas**. Minas Gerais: Universidade Federal de Lavras, MG: UFLA, 2013.

LIMA, F.A.X.; VARGAS, L.P.; SOUZA, G.M.B.; JOTA, T.A.F. & WIZNIEWSKY, J.G. **Extensão rural, comunicação e mobilização social: experiências do IPA junto aos agricultores familiares de Pernambuco**. Sociedade e Desenvolvimento Rural online – v. 8, n. 2, p. 43-57 – Ago – 2014.

MIGUEL, P.; DALMOLIN, R.S.D; PEDRON, F. A.; SAMUEL-ROSA, A.; MEDEIROS, P.S.C; MOURA-BUENO, J.M; BALBINOT, A. **Solo e dinâmica de ocupação das terras em áreas do rebordo do planalto do Rio Grande do Sul**. Rev. Bras. de Agrociência, 17:447-455, 2011.

OLIVERA, J. M; RIBEIRO, F.S. A empresa júnior e a formação de empreendedores. In: **ANPROTEC: SEMINÁRIO NACIONAL DE PARQUES TECNOLÓGICOS E INCUBADORAS DE EMPRESAS**, 23., Belém, 2014, Anais...Belém: ANPROTEC, 2014. P. 1-14.

REICHERDT, J.M.; REINERT, D.J. & BRAIDA, J.A. **Qualidade dos solos e sustentabilidade de sistemas agrícolas**. Ciência e Ambiente, v.27, p.29-48p. 2003.

STRECK, E. V.; KÄMPF, N.; DALMOLIN, R.S.D.; KLAMT, E.; NASCIMENTO, P.C. & SCHNEIDER, P. **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS; UFRGS, 2018. 127P.